

As margens ouviram meu pranto

Assim como nos museus há responsáveis pelas exposições, nos corpos humanos podemos imaginar a alma como curadora das memórias. Tarefa árdua diante do imenso e fluente acervo composto pelas impressões das vivências acumuladas. No desenvolvimento dessa função, certas lembranças escoam no fluxo do esquecimento. Muitas vezes isso acontece com datas exatas, pois mais importante que a exatidão das experiências são suas representações e marcas.

Passei muitas semanas com meu pai indo a consultas, exames, diagnósticos e outros procedimentos relacionados aos cuidados de sua saúde. Um dia, em especial, nunca será esquecido, seja por sua grandeza ou por seus pormenores.

Era manhã gelada de segunda-feira no inverno de junho, antes da internação no Hospital do Ipiranga para tratamento de sua grave doença. O velho e eu sentamos na parte baixa da escadaria do Museu Paulista para esperar o movimento dos mecanismos cronológicos e nossa projeção na paisagem do tempo.

Ali, entre muitos silêncios de palavras, olhares e sorrisos afetivos, um bem-te-vi preencheu o espaço com seu típico chamado. Aquele canto reverberou nas saudades do peito cansado. Tomado pelo momento meu pai recontou parte de sua vida. Mais uma vez ouvi trechos da história do homem que me trouxe ao mundo; diferente das outras incontáveis vezes, entreguei toda atenção e todo carinho às tessituras da narrativa, como se fosse minha primeira viagem naquele trajeto de aclives e declives tão naturais.

Em certo instante de seus dezoito anos, ele decidiu sair da roça para conhecer a cidade; havia se cansado do bucolismo (sem conhecer o termo), queria presenciar as construções, avenidas e movimentações vistas por velhas revistas e ouvidas por diferentes relatos. Desejou se aventurar nas promessas de lugares distantes, mesmo que

a dúvida tomasse conta de sua decisão, afinal, não seria tão simples ousar e abandonar o plano de continuidade, traçado e estabelecido como correto por sua família.

A parte mais comovente de sua mudança é a parada à beira da estrada para sentar e chorar pelo afastamento de seus pais e irmãos. Depois da terra sentir a umidade de seus olhos, a voz inocente de um bem-te-vi ressoou ao entendimento do jovem como zombaria de sua fraqueza. Envergonhado pelas lágrimas, determinado em seu plano, pegou sua trouxinha de roupas e seguiu a estrada de pó, sem olhar para as curvas.

A última vez que ouvi suas palavras foi na tarde daquela segunda-feira. Deitado no leito do hospital, pediu para eu fechar a porta e ele dormir. Encostei a fechadura com muito cuidado; trocamos nossas últimas miradas.

Fui novamente ao parque, sentei-me no primeiro degrau da escadaria e lamentei a iminente partida. O ar estava um pouco mais quente e dourado. Escondi meu rosto, visitei os meus sentimentos, revivendo meu amor e minha raiva por ele, da infância até aquele momento; deixei que a tristeza escorresse pura e agri-doce. No ápice do momento, o grito de liberdade de um bem-te-vi me interrompeu.

Ergui a cabeça, segui o som e vi um ninho. A imagem complementada pela suavidade do vento, aromas das plantas, fragrâncias das flores e a doçura da ocasião me levaram a pensar no futuro que se apresentava. Senti no rosto um fio de sol reluzir na margem restante do pranto. A paz me foi presenteada.

Hoje, voltei ao parque para visitar a História, desta vez com meu filho que leva o nome do avô. Queremos ver as grandes novidades do Museu. Do alto da escadaria, antes da porta de entrada, observamos o imponente Monumento do Ipiranga. Lembrei-me da constante chama voltada para o riacho.

Sua permanência me iluminou a ideia de que nas correntezas de nossas vidas diversos são os pontos de travessia.